



Editorial

**“EU SOU PORQUE FUI E
RE-FUI ANTES, DE TAL
MODO QUE EU SEREI E
RE-SEREI NOVAMENTE.”**

Editorial

Elinaldo Pereira Nascimento
João Paulo Petronílio
Valmir Jesus dos Santos

Elinaldo Pereira Nascimento elinas@usp.br

Mestrando em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), sob orientação da prof.^a Dra. Andréia Vieira Abdelnur Camargo. Bolsista pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Músico, Pesquisador, Compositor, Produtor, Diretor Musical, Diretor Artístico, Poeta e Arte Educador.

João Paulo Petronílio petronilio@usp.br

Artista da dança, pesquisador de performance-ritual e vive em Salvador-BA. Doutorando em Artes Cênicas pela Escola de Arte e Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA-USP), por meio da bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob orientação da prof.^a Dra Helena Bastos. Mestre em dança pelo Programa de pós-graduação em dança pela Universidade Federal da Bahia (Bolsista pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)). É bacharel e licenciado em Dança pela Universidade Federal de Viçosa.

Valmir Jesus dos Santos valsantos@usp.br

Doutorando em Artes Cênicas pela Escola de Arte e Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA-USP), sob orientação do prof.^o dr.^o Luiz Fernando Ramos. Mestre em Artes pela mesma instituição (2009). Bolsista pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Bacharel em Comunicação Social, habilitação em jornalismo, pela Universidade de Mogi das Cruzes (1990). Jornalista, crítico teatral e editor do site Teatrojornal – Leituras de Cena.

“Eu sou porque fui e re-fui antes, de tal modo que eu serei e re-serei novamente.”

Eis o que a Cosmologia Kongo me ensinou: Eu estou indo-e-voltando sendo em torno do centro das forças vitais. Eu sou porque fui e re-fui antes de tal modo que eu serei e re-serei novamente.¹

Busenki Fu-Kiau²

Saudações,

Tomados pela alegria, pela consciência crítica e pelo desejo de promover diálogos fundamentais, anunciamos este dossiê temático, que propõe territórios analíticos, críticos e reflexivos a partir do tema “Raça, Cena e Corporeidades”. A proposta é fomentar o encontro de corpos-textos engajados na produção de conhecimento que sublinham e anunciam as intersecções que constituem o corpo em seu processo contínuo de racialização, considerando o seu argumento estético-ético-político.

Este dossiê se argumenta enquanto uma iniciativa de produção epistemológica que emerge como resultado de profundas reflexões e análises críticas. Conduzidas por pesquisadores negros em formação, recém-ingressos no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGAC/ECA/USP), no contexto de seu primeiro ano de adesão às políticas de ações afirmativas. Esse marco institucional deve ser compreendido a partir das particularidades da trajetória histórica e de crenças políticas da USP no que concerne à adoção de políticas afirmativas e de permanência dentro da própria universidade, que,

1. Na língua original — o kikongo, do tronco linguístico bantu, o provérbio *bântu-kongo*, trazido por Bunseki Fu Kiau: “*Diadi nza-Kongo kandongila: Mono i kadi kia dingo-dingo (kwènda-vutukisa) kinzungidila ye didi dia ngolo zanzingila. Ngiena, kadi yateka kala ye kalulula ye ngina vutuka kala ye kalulula.*” (2024. Trad. Tiganá Santana). Aproveitamos para citar aqui que este tronco linguístico bantu, cobre uma vasta região da África Subsaariana, com inúmeras semelhanças, dialetos e variações. Abrangendo uma grande diversidade cultural e geográfica que vai da África Central à África Austral, sendo o kikongo mais falado nas regiões que hoje compreendemos como o Congo, Gabão e Angola.
2. Kimbwandènde Kia Busenki Fu-Kiau (1934 – 2013), nasceu em Manianga, no Congo e foi um grande pesquisador das áreas da antropologia cultural, educação, biblioteconomia e desenvolvimento comunitário, autor de diversos livros e artigos, e sacerdote (iniciado) em tradições dos povos *bântu-kôngo*. Publicou inúmeros livros e artigos, como *Kongo Cosmology [Cosmologia kongo]*; *Kumina: A Kongo-based Tradition in the New World [Uma tradição kongo baseada no Novo Mundo]*, entre outros.

diferentemente de outras instituições públicas de ensino superior no Brasil, optou por um processo de implementação tardio em seu sistema estrutural.

É relevante contextualizar que a introdução das cotas para ingresso nos cursos de graduação na USP ocorreu apenas em 2018, seis anos após a promulgação da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012)³, demonstrando uma resistência inicial às dinâmicas de inclusão que tais políticas visam promover em ampliar espaços socioeconômicos na universidade.

No que tange à pós-graduação (*stricto sensu*) em Artes Cênicas da ECA, a adesão às ações afirmativas aconteceu ainda mais tardiamente, com a implementação das cotas apenas no processo seletivo do ano de 2022, destinado ao ingresso de alunas/es/os cotistas em 2023. Inclusive, dois do trio de editores deste número estão entre essas pessoas. No ano passado, portanto, foram comemoradas duas décadas de políticas de ações afirmativas no país, a partir da criação da Lei nº 10.639/2003⁴. Este descompasso entre a evolução das políticas públicas de inclusão e a sua adoção pela USP — conforme amplamente noticiado no site oficial da ECA⁵, com o título: “*Vagas abertas: pós-graduação na ECA contará com cotas pela primeira vez*” (2022) –, deflagra a complexidade das transformações institucionais em curso, evidenciando tanto os desafios quanto as potencialidades do avanço das ações afirmativas no âmbito acadêmico. Segue a notícia: “*Entre os dias 22 de agosto e 2 de setembro, estarão abertas as inscrições para o processo seletivo para ingresso nos programas de pós-graduação da ECA, que*

3. A Lei garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais e institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 6 set. 2024.

4. A Lei nº 10.639/2003 é uma lei federal que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas do Brasil, desde o ensino fundamental até o ensino médio, tendo impacto direto nas (Instituições de Ensino Superior (IES). A lei também estabeleceu o dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra no calendário escolar. Ver mais em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 9 set. 2024.

5. Texto informativo sobre as vagas destinadas às pessoas cotistas pela primeira vez na história da pós-graduação da PPGAC/ECA/USP, publicado no dia 18 de Agosto do ano de 2022. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/pos/noticias/pos/vagas-abertas-pos-graduacao-na-eca-contara-com-cotas-pela-primeira-vez>. Acesso em: 5 set. 2024.

“Eu sou porque fui e re-fui antes, de tal modo que eu serei e re-serei novamente.”

*oferecem cursos de mestrado e doutorado. **Pela primeira vez na história, alguns dos editais contarão com Política de Ações Afirmativas, em busca de possibilitar o acesso de grupos marginalizados à pós-graduação***⁶.”

Podemos visualizar esse processo no trecho da moção aprovada em reunião realizada no dia 26 de abril, na qual a Congregação da ECA aprovou moção de apoio à implantação de um programa de ações afirmativas para o ingresso de docentes da USP, no que também segue: *“Atualmente, cerca de 3% de docentes da USP se autodeclaram negras(es)(os), o que configura uma tremenda distorção levando-se em conta tanto o percentual de negros na população do estado de S. Paulo (37%, dados do IBGE), do Brasil (58%, dados do IBGE) e inferior até mesmo entre professores universitários no Brasil (16%, segundo Inep, dados de 2018). **A USP foi uma das últimas universidades públicas brasileiras a adotar cotas raciais para ingresso na graduação, avança lentamente na implantação de cotas para ingresso na pós-graduação e ainda resiste nos concursos públicos de ingresso.**”*⁷

Nesse contexto, a presença de discentes beneficiados pelos direitos das políticas de cotas tem sido gradualmente ampliada. Com o aumento de pessoas negras e indígenas na USP, naturalmente esses grupos passam a exigir, tensionar e forjar a ferro e fogo mais espaços de elaboração epistêmica sobre processos étnico-raciais e outros engendramentos. Ao mesmo tempo, esse quadro nos convida, entre vários exemplos cotidianos e extra cotidianos, a enxergar como a USP e boa parte das instituições de ensino superior no Brasil ainda se veem despreparadas em debater currículos, adaptar conceitos, rever violências epistêmicas e pautar em uma conversa franca e assertiva

6. O documento na íntegra pode ser visto por meio do link <https://www.eca.usp.br/en/node/2405> . Acesso em 10 de set. 2024.

7. O texto ressalta como a Universidade de São Paulo, apesar de ter implementado cotas raciais no vestibular em 2018, ainda avança lentamente na ampliação dessa política afirmativa para os demais setores que compõem a instituição. Atualmente, apenas uma parcela restrita dos programas de pós-graduação conta com políticas de cotas, e ainda não há reserva de vagas para pretos, pardos e indígenas nos concursos públicos para a contratação de docentes e servidores técnico-administrativos. Essa tímida expansão das ações afirmativas revela um descompasso entre a adoção dessas políticas na graduação e a sua aplicação em outras áreas essenciais da Universidade, evidenciando os desafios contínuos na busca por maior equidade e inclusão racial no ambiente acadêmico. O resultado é a exclusão de parcela significativa da sociedade brasileira em uma das mais importantes instituições de ensino superior do país. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/search/node?keys=politica+de+cotas> . Acesso em 10 set. 2024.

questões que resultam a invisibilização de existências na vida ordinária da população negra brasileira. É chegado um momento importante, em que se fazem cada vez mais necessárias as presenças protagonizadas das narrativas sempre antes reificadas, exploradas, terceirizadas pelo branco e empregadas como “outras”. Sendo este “o outro”⁸ construído a partir do já estabelecido pensamento moderno eurocêntrico, que tem como fundamento basilar de humanidade, o homem de pele alva, de origens e costumes europeus.

É importante colocar em pauta que essa histórica 13ª edição da Revista *Aspas*, também surge a partir de uma provocação interna e externa acerca do acesso ao corpo e aos conceitos editoriais da revista por parte de pessoas e epistemes negras e não brancas eurocêntricas. Esse número também é resultado de uma crise de representatividade racial dentro da revista, ocorrida entre o final de 2022 e o primeiro semestre de 2023, em que, por meio de uma forte reação pública da comunidade acadêmica dentro e fora das redes sociais, notou-se o quanto não havia diversidade em seu grupo editorial. Uma crise que foi levada em constante discussão interna a respeito do melhor modo de lidar com a reação de perceber-se institucionalmente colaborando dentro de um sistema racista, alienante e colonialista. Após muitas discussões internas, apagamentos de incêndios, gingas, tensões e revisões de corpo editorial, conceitos e aplicabilidades metodológicas; enfim, aqui estamos. Reconstruindo-se como equipe num caminho mais consciente e certos e certas de que, como revista, é preciso posicionar-se não só ideologicamente, mas atitudinalmente às lutas, dentro e fora do espaço acadêmico. Considerando que esse é um pequeno passo diante das posturas que podem e devem ser tomadas, para uma revista mais democrática e menos excludente.

Dessa forma, esta edição da *Revista Aspas* argumenta-se enquanto território de reflexões urgentes e insurgentes, que acomodam abordagens inovadoras, comprometidas com a análise crítica das representações, modos de transmissão e de repetição. Reflexões sobre práticas, acerca de tradições

8. Em “Pele Negra, Máscaras Brancas” (2018) Frantz Fanon, um importante intelectual, psiquiatra e filósofo político Martinicano, sugere que o colonizado é constantemente definido em relação ao colonizador, sendo visto como o oposto, o inferior, o “não-eu”. Essa construção do “outro” serve para justificar a dominação colonial e a exploração dos recursos e da cultura do povo colonizado. Neste caso, os povos africanos.

como exercício de “traição” ao tradicionalismo, e noções políticas e identitárias que emolduram os fazeres artísticos por perspectivas negrorreferenciadas. Em seu núcleo discursivo, essas abordagens confrontam e ressignificam os códigos estabelecidos pelo *status quo*, ao mesmo tempo que reconhecem as continuidades e rupturas que constroem a presença dos corpos racializados na cena contemporânea.

Trata-se de uma gira de saberes que indica práticas performativas, que recriam e atualizam-se, nas milenarmente noções afrodiaspóricas existentes de pessoa (*Muntu*⁹), comunidade e poder. Por intermédio de dimensões críticas que versam sobre raça, colonialidade, diáspora e performance negra. Propomos, por meio desta organização, um olhar atento aos pontos de identificações que revelam os aspectos de atualização e transformação da diáspora africana no Brasil e seus específicos processos de racialização, pressupostos pelos corpos em cena.

O corpo, aqui, não é apenas um suporte material, mas o *locus* da inscrição de concessões sociais e valores culturais que se atualizam pelo acontecimento inventivo da existência. O corpo, enquanto corporeidade, se estabelece em sua própria dinâmica vital (de *kala*)¹⁰, em uma relação compulsória que constrói a si mesmo e o mundo, pela contínua interação com as coisas visíveis e invisíveis. Fazendo o seu *igbá* (assentamento) no mundo, em simultaneidades circulares, de temporalidades materializadas em diálogos contínuos entre tradições, o agora e as enunciações desse mesmo corpo. Nos dizeres da ensaísta, poeta dramaturga e Rainha do Reinado do Jatobá¹¹, a prof.^a dr.^a Leda Maria Leda Maria Martins (2021), “Esse corpo/*corpus* não

9. A palavra *Muntu*, na língua kikongo, possui algumas variantes, como *mutu* e *ntu* (como por exemplo, *Ubu’ntu* - “humanidade”, na língua xhosa, de mesmo tronco linguístico). No tronco linguístico bantu, vem a significar, “ser humano” ou “pessoa”, “existência”. Esta acepção nas culturas bantu-congo, tem uma grande representatividade e importância filosófica.

10. Em *The African Book Without A Title* (1980) — *O Livro Africano sem Título* (trad. Tiganá Santana, 2024), Fu Kiau traduz *kala* como “a vontade mais forte da existência de Muntu (a pessoa humana):” “A pessoa humana é um segundo sol que se levanta e se põe ao redor da terra. Ele tem que levantar-se como o Sol, para Kala, ser, ser, acender fogo” (2024).

11. O Reinado é uma manifestação popular sacra, sincrética entre o catolicismo e as religiões de matrizes africanas, que se baseiam em rituais envolvendo, sobretudo, performances de dança e música. Já a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, fundada no Séc. XIX, é uma importante confraria negra com sede em Belo Horizonte, localizada no bairro Itaipu.

apenas repete um hábito, mas também institui, interpreta e revisa a ação, evento ou acontecimento reapresentado” (MARTINS, 2021, p. 89).

Os artigos das edições 13.1 e 13.2 destacam as contribuições de importantes pensadores e pensadoras das corporeidades negras na cena contemporânea, cujas pesquisas são construídas com rigor e robustez acadêmica. Em um desses números, por exemplo, teremos a honra da presença especialíssima da já mencionada Martins, cuja obra é uma referência fundamental nos estudos referentes à performance negra e à cultura afro-brasileira¹², e que, à luz de seus estudos, nos faz refletir sobre a performance negra no *corpo - tela*¹³ da espiral do tempo. Adicionalmente, este dossiê também conta com a valiosa participação das editoras convidadas especialmente para esses números: a prof.^a dr.^a Amélia Conrado¹⁴ e a prof.^a dr.^a Onisajé¹⁵, ambas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Reconhecidas por suas trajetórias acadêmicas e contribuições relevantes no campo das artes cênicas e das corporeidades negras, essas pesquisadoras trouxeram ricas análises críticas sobre os textos apresentados, enriquecendo o nosso debate e ampliando as reflexões apresentadas nesta edição.

Movidos por esse caminho, iniciamos as encruzadas do pensamento crítico nas páginas seguintes com o artigo da Dr^a Régia Mabel Freitas — doutora em Difusão do Conhecimento pela UFBA, com estágio em nível pós-doutoral em Educação na USP. O seu artigo **Fêmeas-matrizes e forças-motrizas: insurreições cênicas de vozes-mulheres negras brasileiras** objetiva

12. Vale citar aqui outras duas obras da autora, como *A Cena em Sombras* (1995) e *Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário de Jatobá* (1997).

13. Para MARTINS (2022) o corpo-tela é como uma biblioteca formada pelas encruzilhadas de experiências e estímulos, *afrografadas* na memória da existência negra. (p. 162).

14. Amélia Vitória de Souza Conrado (UFBA) E-mail: ameliacnrado@ufba.br. Angoleira, coreógrafa e ativista dos movimentos sociais. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora da Escola de Dança da UFBA. Pesquisadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDANCA) e Mestrado Profissional em Dança (PRODAN). Líder do GIRA – grupo de pesquisa em culturas indígenas, repertórios afro-brasileiros e populares.

15. Onisajé é diretora teatral, dramaturga, roteirista, curadora, mestra e doutora em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFBA e yakekerê (segunda sacerdotisa) do Ilê Axé Oyá L'adê Inan de Alagoinhas. É diretora de peças como *Siré Obá*, a festa do Rei; *Exu*, a Boca do Universo, *Traga-me a cabeça de Lima Barreto* e *Pele Negra*, máscaras brancas. Foi professora-substituta da Escola de Teatro da UFBA e integra o Grupo de Pesquisa PÉ NA CENA-CNPq e publica vários artigos sobre teatro negro em revistas especializadas. Email: onisaje@gmail.com.

“Eu sou porque fui e re-fui antes, de tal modo que eu serei e re-serei novamente.”

evidenciar realizações de artistas negras brasileiras que, a partir de dramaturgias de luta antirracistas, promove(ra)m a militância negrocênica. Metodologicamente, Freitas opta pela pesquisa exploratório-descritiva de natureza qualitativa, obtendo sua coleta de dados a partir de revisão bibliográfica exclusivamente de teóricas/os negras/os, como Sueli Carneiro e Abdias Nascimento, além da conversa com autores e autoras contemporâneas da cena. Seu artigo nos leva a refletir que os palcos nacionais, nos quais a força e o brilhantismo de mulheres negras insubmissas também imperam, são mais uma trincheira importante no combate ao racismo.

Calcado em um tema caro ao campo das artes cênicas – o registro de metodologias da prática –, o artigo **O corpo dança Angola na Cosmo Encantaria: rastros para afro-tupi-grafar uma metodologia**, da doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA, Dan Dara Baldez Ifabusayó, serpenteia corporeidades agenciadas por meio de elementos e propriedades da capoeira, que tem origem na tradição bantu e foi desenvolvida por escravizados africanos como forma de defesa e resistência à opressão colonizatória. Também são contempladas manifestações indígenas, constituindo uma contribuição quanto à pedagogia e didática pautadas por diversidade cultural e antirracismo.

Em conseqüente, o estudo **Arrodeando a canjira: considerações sobre a improvisação nas danças negras** reflete sobre a noção de improvisação nas danças negras. A partir da pesquisa bibliográfica e da prática docente do autor, são propostos quatro elementos de análise: o repertório, a dimensão relacional e participatória, o caráter fugidio e de quebra das expectativas e a imaginação fabulada. Prof.^o Dr.^o da Escola de Dança da UFBA, Fernando Ferraz apresenta ponderações sobre os riscos em estabelecer parâmetros fixos de análise, concebendo as expressões artísticas afro-diaspóricas e suas sensibilidades negras como experiências inacabadas.

No artigo **Pedagogia da cena empretecida**, Nelson Bruno Delfino da Conceição realiza uma análise das pesquisas acadêmicas em artes cênicas sobre teatro negro e performance negra realizadas por pesquisadores negros e negras dos anos de 1980 a 2020. Na seara dos programas de pós-graduação em artes cênicas das universidades públicas federais brasileiras, Delfino, ao analisar os trabalhos de alguns pesquisadores negros e negroreferenciados, traça

alguns dos caminhos metodológicos e teóricos aparentes desenvolvidos por esses artistas para reconhecer a uma possível pedagogia da cena empretecida, presente em seus percursos autográficos como artistas pesquisadores.

Em **Minha viola eu não toco sozinho: o Samba do Quilombo dos Pintos enquanto estratégia afrorreferenciada de emancipação territorial**, a doutoranda em Geografia pelo Instituto de Geociências da UFBA, Azânia Mahin Romão Nogueira, investiga a possibilidade de exercer autonomia por meio do movimento, especialmente a partir do canto e da dança em comunidade. O título alude à roda de samba realizada mensalmente como extensão do terreiro Nzo Onimboyá, localizado na mesma rua do bairro Engenho Velho da Federação, em Salvador. O texto analisa o discurso de quem protagoniza a festa que não é percebida exatamente como tal, e sim enquanto manifestação de sociabilidade com princípios para superar as condições de subalternização da população negra.

Ainda no campo das análises, Rodrigo Severo dos Santos, em **Performance esclarecimento: da destruição do saber à insurgência**, nos leva a conhecer e refletir como a *Performance Esclarecimento* (2013), da artista brasileira Olyvia Baunum, discorre acerca dos dispositivos de apagamento, marginalização e desqualificação de pessoas negras como produtoras e portadoras de conhecimento no Brasil. Para tanto, o artista e pesquisador dialoga com o conceito de *epistemícidio* a partir dos estudos da filósofa, escritora e ativista antirracista Sueli Carneiro.

Mestre em Dança pelo Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA, Erick Santos alinha, em **JUNTÓ PARA MOVER SANKOFA: Escrevivências do performer em diáspora africana**, as relações étnico-raciais e o fazer artístico-teórico a propósito de transversalidades que recaem sobre o corpo e partem dele para acessar filosofias como o adinkra Sankofa e o Candomblé. Segundo o Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO), adinkra é um conjunto de símbolos que representam ideias expressas em provérbios. “O adinkra, dos povos acã da África ocidental (notadamente os asante de Gana) é um entre vários sistemas de escrita africanos, fato que contraria a noção de que o conhecimento africano se resume apenas à oralidade”¹⁶.

16. Adinkra [s.d.]. IPEAFRO. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/>. Acesso em: 3 ago. 2024.

“Eu sou porque fui e re-fui antes, de tal modo que eu serei e re-serei novamente.”

Por fim, no texto **Poéticas do diverso: Diferença fugitiva e performatividades negroperiféricas**, Altemar Di Monteiro nos leva a refletir, a partir das performatividades negroperiféricas e seu estado fugitivo, sobre uma poética do diverso. O artista-pesquisador questiona a agenda jurídico-moral global do multiculturalismo e da diversidade e sua captura pelo sistema neoliberal nas artes, no contexto do atual movimento de cultura das periferias de Fortaleza (saraus, rolêzinhos, reggaes, teatros de rua, escolas livres etc.). O autor traz para a roda o poeta e dramaturgo martinicano Edouard Glissant, por meio do qual articula os estudos negros contemporâneos, táticas de fuga ao que entende por “rolo compressor das estratégias neoliberais”, a exemplo da “tokenização do negro” na sociedade ocidental.

Os textos aqui presentes reúnem artistas-pesquisadoras e pesquisadores de variadas formações e partes do Brasil que nos levam a pensar a multiplicidade de expressões de performatividade negras mundo afora, seus caminhos e desafios de percurso. Buscamos, a partir deste pontapé inicial — trazido a propósito da luta de narrativas, de espaços dentro da universidade e no campo da pesquisa em artes cênicas no Brasil —, difundir e compreender algumas das diversas epistemes, corporeidades e dos contextos em curso no território brasileiro e na diáspora africana. Uma vez introduzidos e iniciados os trabalhos, convidamos as pessoas leitoras a adentrarem neste mar de provocações e traduções tecidas nos fios de Anansi¹⁷, acerca da cena afro-diaspórica em suas escrituras de corporeidades negras, presentes nas artes cênicas brasileiras.

*Tanga mukanda, kuatisisa muxima!*¹⁸

Elinaldo Pereira Nascimento

João Paulo Petronílio

Valmir Jesus dos Santos

17. O Deus Aranha. Divindade do povo Akan, o grande tecelão de caminhos, assim como o construtor do fio das histórias do mundo.

18. Expressão no kimbundo, que significa: “leia a escrita, fortaleça o coração” (Trad. Elinaldo Pereira Nascimento). O kimbundo é também uma língua pertencente ao tronco linguístico bantu e é falada predominantemente no noroeste de Angola, incluindo a província de Luanda, tendo uma forte influência na cultura brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

Fu-Kiau, Kia Buseki. O Livro Africano Sem Título – Cosmologia Dos Bantu-Kongo. Trad. Tiganá Santana. Coleção Encruzilhada. Rio de Janeiro. Cobogó, 2024.

MARTINS, Leda Maria. Performances do Tempo Espiral. : poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (orgs). Adinkra: sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

PAIVA, Diogo Bachega. Vagas abertas: pós-graduação na ECA contará com cotas pela primeira vez. Site da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Notícias. 18 de Agosto de 2022. Disponível em www.eca.usp.br/pos/noticias/pos/vagas-abertas-pos-graduacao-na-eca-contara-com-cotas-pela-primeira-vez . Acesso em: 5 set. 2024.